

ABC do Brasil

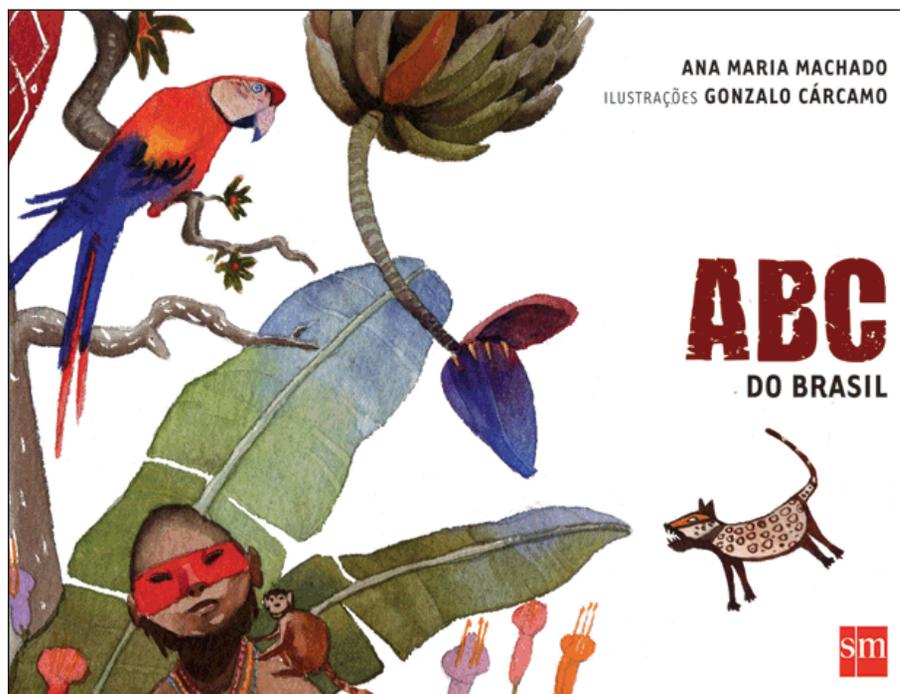
Ana Maria Machado

Ilustrações Gonzalo Cárcamo

Temas Brasil • Diversidade cultural • Cultura • Religião •
Sociedade • História



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas

A AUTORA Ana Maria Machado começou a ler com 5 anos de idade e publicou a primeira história aos 12, na revista *Folclore*. Desde então, nunca deixou de escrever. Formada em Letras, exerceu diversas profissões – professora, jornalista, pintora, dona de livraria –, mas foi a de escritora que a apaixonou para a vida toda. São mais de cem livros publicados, muitos se tornaram *best-sellers*, como *Bisa Bia*, *Bisa Bel*. Algumas de suas conquistas recentes foram os prêmios Hans Christian Andersen, em 2000, considerado o Nobel da literatura infantojuvenil mundial, e o Machado de Assis em 2001, o maior da literatura nacional, pelo conjunto de sua obra; e em 2003 ela foi empossada como membro da Academia Brasileira de Letras. Hoje, com 33 anos de carreira, iniciados na revista *Recreio*, é uma das principais autoras de literatura infantil e juvenil, no Brasil e no mundo.

O ILUSTRADOR Gonzalo Cárcamo nasceu no Chile em 1954. Ilustrador, caricaturista, artista plástico, trabalhou em agências de publicidade e em produtoras de desenho animado, inclusive nos estúdios Disney. Chegou ao Brasil em 1976, já com grande domínio da técnica da aquarela e da pintura a óleo. Como caricaturista, colaborou com diversos periódicos, como *O Pasquim*, as revistas *IstoÉ*, *Veja*, *Carta Capital*, *Cult* e o jornal espanhol *El País*. É colaborador regular da *Folha de S.Paulo* e da revista *Época*. Como ilustrador, trabalhou para diversas editoras importantes em obras de escritores como Gabriel García Márquez, Machado de Assis, Eça de Queirós, sem falar nos livros que ele mesmo escreve.



2200000137701

APRESENTAÇÃO

O que faz do Brasil o país que é? A língua, a cultura, a história? E o que faz os brasileiros diferentes dos vizinhos latino-americanos?

O *ABC do Brasil* investiga, por meio de seus verbetes, os elementos da cultura, os costumes, a história, a geografia que caracterizam o Brasil e formam a identidade brasileira. Com linguagem simples e coloquial, o livro tem como finalidade apresentar traços formadores daquilo que faz do Brasil um país com identidade singular, dono de cultura sofisticada e, muitas vezes, contraditória. Busca, por meio de aspectos pontuais, elencar pontos marcantes da cultura nacional e chamar a atenção, assim, para as raízes e a formação do país.

Organizados em ordem alfabética, os verbetes trazem aspectos significativos do modo de vida da população do país, além de dados de geografia e de personalidades que, de alguma forma, contribuíram para dar à nação brasileira a feição que ela tem.

O verbete “Amazônia”, por exemplo, que inicia a obra, refere-se tanto a aspectos geográficos como culturais da região. Outro mais à frente apresenta a jabuticaba, frutinha de sabor irresistível, muito comum nos pomares e nas mesas do país em determinada época do ano.

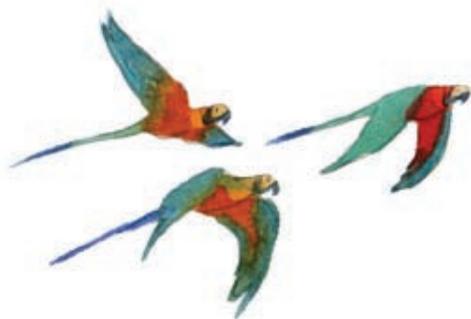
Cada um dos verbetes acompanha uma ilustração, que enriquece visualmente o tema discutido e dialoga com ele, permitindo, dessa forma, maior reflexão sobre as especificidades nacionais.

O PASSADO COLONIAL (1500-1822)

Para compreender o Brasil em sua conformação atual e em suas singularidades, é indispensável conhecer o passado do país e os condicionantes históricos que marcaram sua história.

O processo de colonização do Brasil (a partir de 1500) insere-se no contexto geral da expansão do comércio europeu do final da Idade Média e do alvorecer da Idade Moderna, ligando-se, portanto, às Grandes Navegações, que procuravam meios de encontrar um novo caminho para as Índias, à época principal entreposto fornecedor de certas matérias-primas e especiarias.

Pioneiros nas Grandes Navegações, os portugueses estabeleceram feitorias – postos de troca e armazenamento de mercadorias – na costa africana e passaram a realizar, regularmente, viagens marítimas em busca de uma rota que os pudesse levar até as Índias. Essa proeza foi alcançada no final do século XV; pouco tempo depois, em uma dessas missões para o Oriente, a frota de Pedro Álvares Cabral, nobre português, aportou no litoral da atual Bahia.



A partir daí, o contato entre os habitantes originais do território e os colonizadores estrangeiros mudou por completo o modo de vida dos nativos e provocou imensa mortandade, em virtude das doenças que lhes foram transmitidas pelos europeus e do trabalho escravo a que foram duramente submetidos.

Os portugueses descobriram a existência de outras culturas, ricas em hábitos e costumes desconhecidos, e iniciaram a exploração da nova terra. A colonização portuguesa buscou reproduzir na América o modelo português e, para isso, transplantou instituições, sistemas de organização da sociedade e valores que, aqui, por força das circunstâncias, tiveram de ser adaptados e (re)significados.

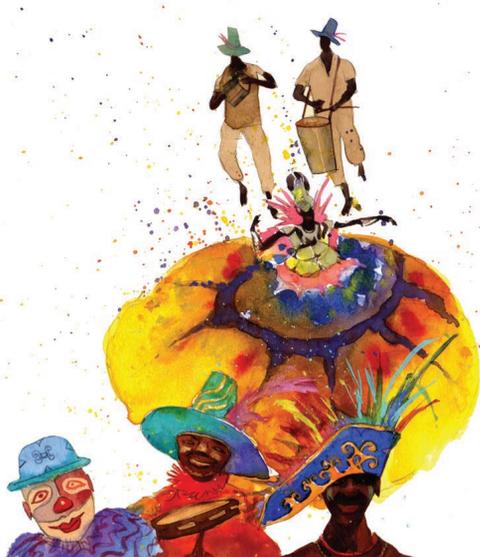
O processo de colonização da América portuguesa dependia, fundamentalmente, do trabalho escravo, e o braço indígena foi usado nos primeiros tempos. Uma série de entraves e interesses, porém, impediu seu uso como força de trabalho principal na Colônia e na segunda metade do século XVI passou-se a trazer, do continente africano, grande contingente populacional a fim de servir como escravo.

O maior interesse da colonização era o de abrir, na Colônia, um mercado consumidor para os produtos da metrópole e de produzir as mercadorias que tivessem boa aceitação no mercado internacional. O principal produto da balança comercial da Colônia foi a cana-de-açúcar, produzida no grande latifúndio, em regime de monocultura, cultivada e beneficiada com mão de obra escrava.

Durante os séculos de colonização portuguesa nas terras americanas, um encontro de culturas distintas se deu, e índios, portugueses e africanos construíram, em suas bases principais, a estrutura da sociedade brasileira. Essa sociedade foi profundamente marcada pela presença de mais de trezentos anos de escravidão do africano e do indígena, em vários momentos e locais.

A partir do século XVIII, o processo de colonização se consolidou e tornou-se mais complexo em virtude da descoberta das ricas jazidas de ouro das Minas Gerais e das regiões de Mato Grosso e Goiás em fins do século XVII. A exploração da mineração exigiu a entrada, em maior número, de africanos e transferiu para o centro-sul da Colônia as atenções da Coroa. Deu-se, nesse momento, a transferência da capital de Salvador, sede do vice-reinado, para o Rio de Janeiro em 1763.

Ao mesmo tempo que ocorreram reformas na estrutura administrativa, a sociedade colonial se modificou, intensificando ainda mais as contradições latentes. A sociedade construída nas terras americanas engendrou uma nova hierarquia social, erigiu arranjos de poder específicos e próprios (diferentes dos da metrópole) e acolheu, em seu interior, senhores de terras, funcio-



nários da Coroa, homens de negócios, colonos, escravos índios e africanos, membros da Igreja e de diferentes ordens religiosas e um número não insignificante de homens livres pobres.

Em fins do século XVIII e princípios do XIX, a Colônia estava inserida num quadro bem amplo de transformações, marcadas pela Revolução Industrial na década de 1780 e pela Revolução Francesa, em 1789. Por aqui, o efeito mais profundo dessas alterações estruturais se relacionou intimamente com o processo de independência do Brasil.

BRASIL IMPERIAL (1822-1889)

Caso único na América, após a Independência da antiga metrópole (1822), o país adotou um regime político monárquico de bases econômica e social escravistas. A independência não significou, portanto, um rompimento com a estrutura econômica e social da Colônia. O Brasil independente continuou a ser escravista, o poder político permaneceu nas mãos do senhoriato rural e amplos setores da sociedade continuaram à margem do centro de decisão política.

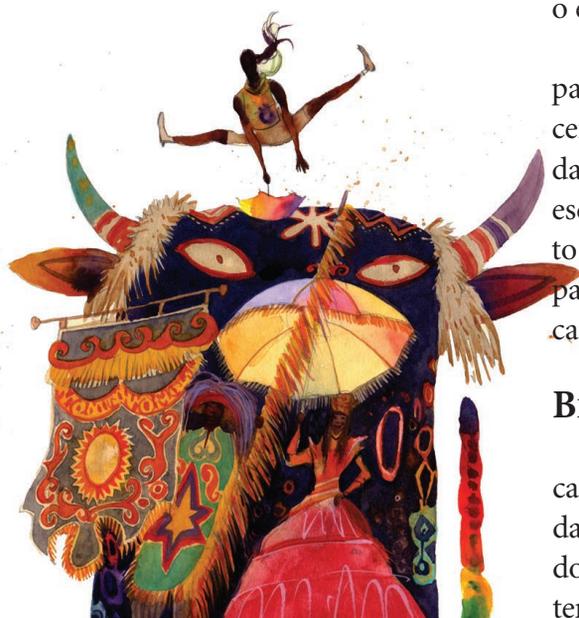
A fase imperial de nossa história significou a “nacionalização da Independência”, segundo o dizer de uma parcela da historiografia brasileira. Revoltas e movimentos separatistas ameaçaram a unidade nacional e foi apenas no Segundo Reinado (1840-1889) que o perigo da secessão e do esfacelamento do território foi afastado.

Na segunda metade do século XIX, o país vivenciou, de forma mais clara, as contradições de sua estrutura social, econômica e política. A imensa maioria da população continuou alijada de participação política, enquanto a economia enfrentava uma grave crise de mão de obra, uma vez que a Inglaterra, empenhada em consolidar o capitalismo, passou a combater vigorosamente o escravismo.

Com isso, foi necessário incentivar a vinda de imigrantes de países da Europa e da Ásia para trabalhar no campo e nas nascentes fábricas do país. O fim do século chegou com o aumento das pressões sobre a escravidão e, finalmente, com a abolição do escravismo no Brasil, em 1888. A crise da monarquia e o aumento das pressões pela adoção da república levaram ao golpe, por parte de setores do Exército brasileiro, que proclamou a República no país em 1889.

BRASIL REPUBLICANO (1889-HOJE)

A primeira fase da República brasileira foi profundamente marcada pela presença do Exército na vida política e pela dominância das oligarquias agrárias no controle do país. A chamada República dos Coronéis, ou República do Café com Leite (1898-1930), caracterizou-se pela alternância no poder dos grandes fazendeiros de





Minas Gerais e de São Paulo. O país manteve praticamente intacto seu perfil de país agrícola, produtor de matérias-primas e importador de bens manufaturados.

Somente com a Revolução de 30 e com a conseqüente alteração dos grupos de elite que passaram a dar as cartas na política nacional, o país intensificou a reflexão sobre a necessidade de se modernizar. O perfil da sociedade foi se alterando de essencialmente agrária para urbana.

O descompasso entre a modernização que determinados setores experimentaram e a grave situação social do país não foi, entretanto, equacionado a contento. O Brasil chegou ao século XX profundamente marcado pelo passado monocultor e escravista, e isso se refletiu na estrutura agrária persistente e altamente concentrada, na gravíssima desigualdade social e nos altos índices de mortalidade infantil e de analfabetismo.

O governo JK, nos anos 50 do século passado, procurou acentuar a modernização de alguns setores produtivos por meio da abertura ao capital estrangeiro e da vinda das multinacionais para o país. Contudo, os graves problemas estruturais persistiram.

A década seguinte marcou um dos momentos mais amargos da vida brasileira. O golpe militar de 1964 lançou o país num período de total privação das liberdades democráticas e significou a perseguição política de todos os grupos que faziam oposição ao governo, especialmente a partir da decretação do AI-5 (1968), quando se estabeleceu um novo ciclo de perseguição política, cassação de mandatos, perda de direitos políticos e prática de tortura.

Os vinte anos de regime autoritário (1964-1985) significaram o domínio da cúpula das Forças Armadas na condução da vida política do país e do aumento da influência dos setores da burocracia estatal. Os órgãos de informação e repressão do Estado obtiveram grande espaço, e a classe operária, os estudantes e os camponeses foram enfraquecidos e muitas vezes perseguidos. No que se refere à vida econômica, os anos de regime autoritário deram continuidade ao plano de abertura da economia, com a tomada de empréstimos externos e o ingresso de capital estrangeiro no país.

Após o término do período militar, o país iniciou a fase de restabelecimento da cultura democrática e um dos pontos altos desse período foi a aprovação da Constituição de 1988, conhecida como Constituição Cidadã. Nos últimos 30 anos, o país tem vivido grandes transformações em razão das mudanças na economia global e da conseqüente internacionalização da produção. O destaque do país no cenário internacional aumentou consideravelmente e, em parte, isso ocorreu em virtude da conquista de maior estabilidade econômica.

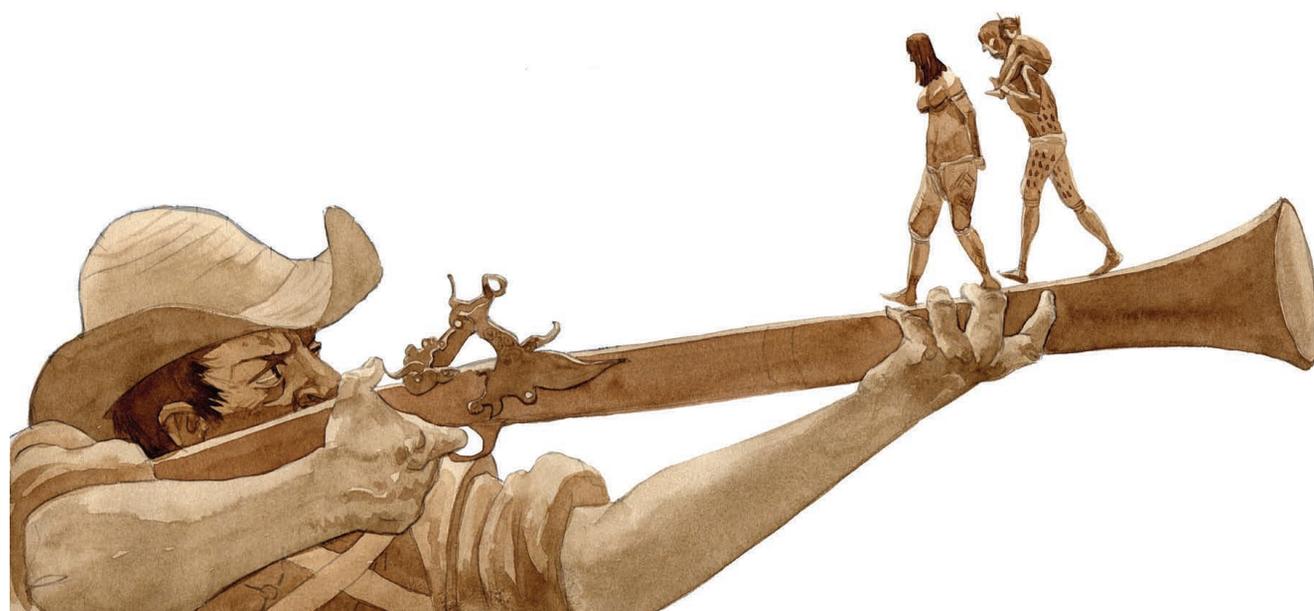
Velhos problemas, entretanto, persistem e são desafios que ainda carecem de solução: a altíssima concentração de renda,

problemas urbanos em decorrência do crescimento desordenado das cidades, a grave crise agrária, a situação de pobreza de milhões de brasileiros, a destruição acelerada dos recursos naturais, a infância abandonada e o aumento significativo da violência em todo o país.

ABC DO BRASIL: GRANDES TEMAS

GEOGRAFIA E TERRITÓRIO

O Brasil localiza-se no continente americano, mais precisamente na região da América do Sul. A imensidão do território brasileiro — é o quinto maior país do mundo em extensão territorial — proporciona grande variedade de paisagens, ecossistemas e rica biodiversidade. Além da enorme costa litorânea e das belas praias, o Brasil tem na região amazônica uma de suas mais importantes áreas naturais. A Amazônia possui uma das mais densas e complexas coberturas vegetais do planeta. Além disso, é recortada por grande quantidade de rios e cursos d'água, o que faz dela a maior bacia fluvial do mundo. Além da exuberância das águas, a região conta com um número muito significativo de espécies vegetais e animais. Outra característica marcante da Amazônia é o clima equatorial, quente e úmido, o ano todo. E em seu território vivem a maioria dos índios do país, distribuídos em reservas indígenas.



Parte integrante do imaginário europeu desde os primórdios da colonização brasileira e sul-americana, a Amazônia sempre impressionou, encantou, amedrontou e instigou a imaginação de todos aqueles que entraram em contato com seus rios, sua mata e seus habitantes. Já presente em mapas de princípios do século XVI, o que denota sua importância, a Amazônia foi alvo de cobiça de colonizadores europeus de várias nacionalidades, que buscavam em seu interior riquezas pretensamente incomensuráveis e maravilhosas, como montanhas inteiras recobertas de ouro.

Atualmente, ao lado das riquezas minerais, são as riquezas naturais, como o grande volume de água doce, a notável biodiversidade vegetal e animal e as madeiras obtidas por meio de desmatamento que instigam os indivíduos a continuar a buscar na floresta uma forma de enriquecer e de explorar economicamente a região. Entretanto, atualmente, um número cada vez maior de pessoas e de organizações não governamentais, no Brasil e no mundo, preocupa-se em preservar ou aproveitar de maneira sustentável a mata, sua biodiversidade e sua riqueza humana.

Além da Amazônia, outras áreas geográficas formam o território brasileiro. O Brasil ocupa cerca de 47% do território da América do Sul e, em razão de seu tamanho, possui grande variedade de paisagens e climas: equatorial, presente na região amazônica; semiárido, no sertão nordestino; tropical úmido, da região de Mata Atlântica; subtropical temperado e frio em algumas partes do Sudeste e do Sul do país, sem contar os microclimas distribuídos ao longo de toda sua extensão.

Em relação à paisagem, regiões como Lençóis Maranhenses (MA), deserto do Jalapão (TO), Bonito (MS) e Pantanal mato-grossense (MT e MS) têm sido cada vez mais conhecidas dos brasileiros e alvo de exploração turística por sua beleza e exuberância.

DIVERSIDADE CULTURAL

Um dos aspectos mais significativos do Brasil refere-se à força e à diversidade de sua cultura, e para compreendê-la melhor é preciso atentar para a questão da mestiçagem, elemento recorrente em nossa história e na formação brasileira.

Gilberto Freyre, em 1933, em seu livro *Casa-grande & senzala*, já chamava a atenção para essa característica e via nesse aspecto a força essencial da cultura nacional. Para ele, contrariamente do que afirmavam muitos de seus contemporâneos, a mestiçagem era algo a ser valorizado, pois o encontro da cultura africana com a portuguesa e a indígena permitiu ao Brasil forjar uma identidade cultural extremamente rica.

Outro intelectual que chamou a atenção para o papel da mestiçagem na cultura nacional foi Sérgio Buarque de Holanda. Em *Caminhos e fronteiras* e em *Raízes do Brasil*, ele destacou a importância do entrecruzamento das tradições portuguesa e ameríndia e demonstrou, por meio da análise de elementos da cultura material, da religiosidade popular e dos costumes cotidianos, como a inventividade, a engenhosidade e a criatividade, entre nós, foram elementos gerados, também, graças à miscigenação de povos e etnias.

Essa mistura de etnias e substratos culturais revela-se de diversas formas, e podemos atestar essa característica em momentos como o Carnaval, festa originariamente europeia trazida para o Brasil no século XIX, mas que aqui adquiriu novas características em razão da semelhança de alguns de seus aspectos com as celebrações africanas e indígenas. Hoje o Carnaval brasileiro é referência mundial e se moldou às diversas culturas regionais e locais do país, permitindo a existência de um panorama extremamente diversificado.

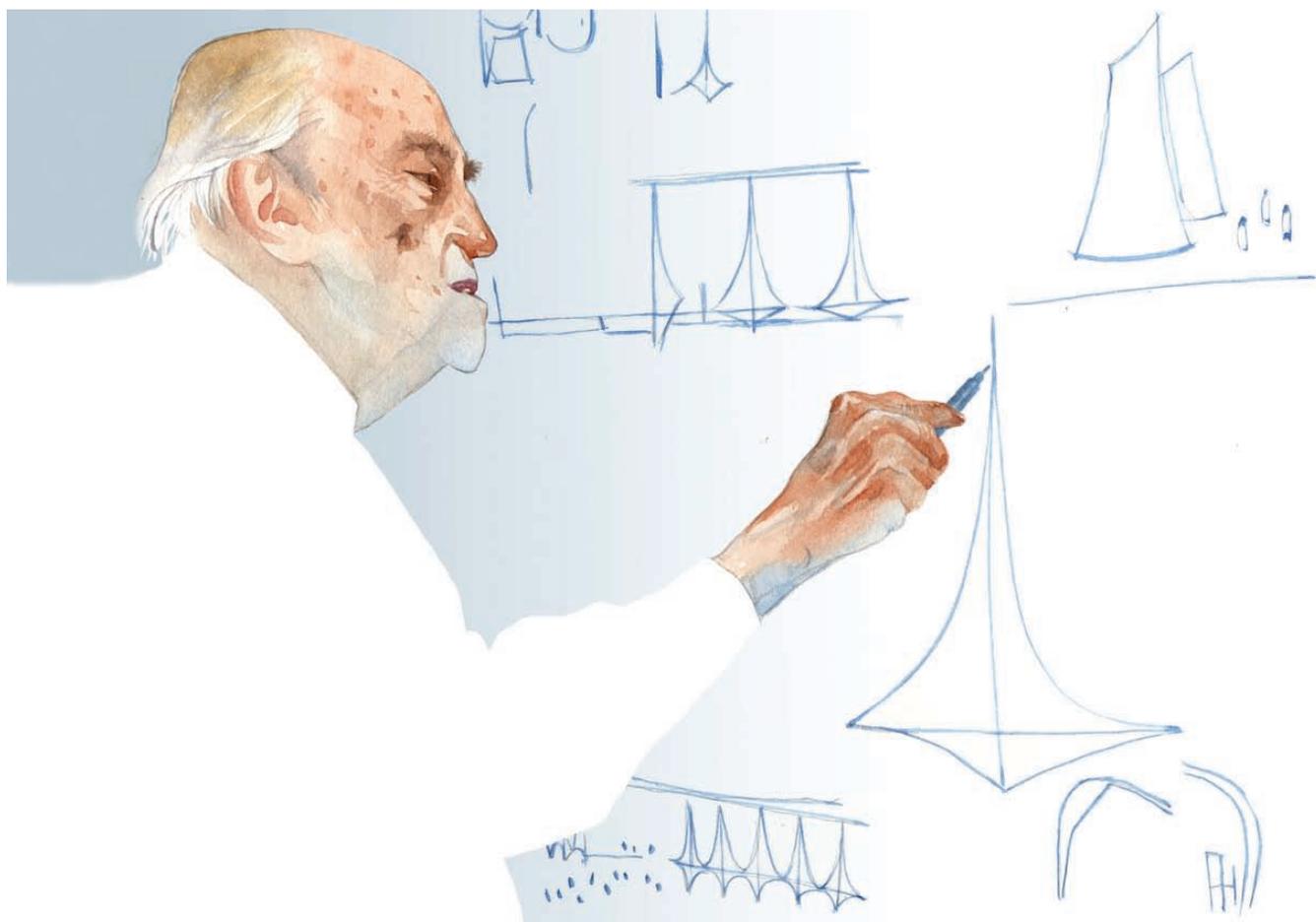
A riqueza cultural brasileira mostra-se também em seu vasto repertório de danças populares, como o maracatu, o bumba meu boi e tantas outras. Interessante sublinhar que todas elas têm ligação com a cultura popular brasileira em suas diferentes manifestações regionais e por seu intermédio pode-se conhecer mais sobre nossa história e nossas matrizes culturais.

O mesmo pode ser dito sobre o patrimônio culinário de nosso país. O Brasil é pródigo na assimilação de ingredientes, na forma de preparar alimentos e na inventividade. O saber alimentar brasileiro aclimatou em nosso território frutas como a manga, a banana e mesmo o coqueiro, espécies vegetais oriundas de outros continentes, que aqui se adaptaram e hoje fazem parte da tradição culinária e, até mesmo, da paisagem do país. É, novamente, a fusão, a mistura e a mestiçagem que explicam a diversidade das possibilidades culinárias. A comida, nessa perspectiva, é entendida como uma manifestação de cultura e, portanto, está intimamente ligada à história e ao desenvolvimento da sociedade brasileira.

No que se refere à incorporação de culturas diversas, a cultura brasileira tem como uma de suas importantes marcas a antropofagia, isto é, a habilidade de conhecer, de se apropriar e de interiorizar as ideias, valores e realizações de outros povos e culturas, para depois disso produzir algo genuinamente brasileiro. Convém lembrar que esse aspecto foi destacado pelos artistas da Semana de Arte de 1922 (especialmente pelo poeta Oswald de Andrade), que passaram a ver a antropofagia — originalmente o costume de alguns povos indígenas de devorar, ritualisticamente, inimigos e estrangeiros — como uma metáfora crítica para o processo de formação da cultura nacional.

Faz-se necessário, ainda, acrescentar o fato de que, além da mistura em torno das tradições indígenas, portuguesas e africanas, o país acolheu em fins do século XIX e princípio do XX grande número de imigrantes vindos de várias partes do planeta, como italianos, alemães, espanhóis, japoneses, libaneses e, mais recentemente, coreanos, bolivianos e chineses. Cada um desses povos se integrou ao país e contribuiu para tornar ainda mais complexa a cultura brasileira contemporânea.

Atualmente, a globalização suscita novas reflexões e questionamentos no campo das culturas nacionais, uma vez que o acesso aos meios de comunicação e à cultura de massa tende à pasteurização cultural. Manifestações de cultura popular no Brasil lutam para não desaparecer em meio à acentuada importação de costumes, tradições e valores de países como os Estados Unidos. Caberá, portanto, às novas gerações preservar o que genuinamente foi construído no Brasil, sem, todavia, deixar de interagir, refletir e incorporar elementos vindos de fora.



ATIVIDADES EM SALA DE AULA

Inicialmente, o professor poderá propor aos alunos que realizem um debate sobre como eles veem o próprio país e façam um inventário do que consideram características fundamentais do Brasil. Depois de realizada a leitura do livro, pode-se verificar o que se manteve em termos de impressões e o que se modificou.

1. O professor poderia, com o auxílio de um mapa do Brasil, identificar as diferentes regiões, localizar os estados, as capitais e as principais cidades de cada região. Depois, utilizando-se do mesmo mapa, poderia trabalhar a questão da diversidade de paisagens naturais e o clima, sempre estimulando os alunos a relacionar sua vivência pessoal e familiar ao que está sendo discutido.
2. Ainda com base no mapa do país, poderia solicitar uma pesquisa para que os alunos identificassem as principais características de cada uma das regiões e dentre elas escolhessem alguns estados para se aprofundar. Os alunos poderiam enfocar questões econômicas, como as principais atividades produtivas, a distribuição da população, as principais características culturais etc.
3. A questão da formação histórica brasileira também poderia servir de mote para refletir e compreender alguns aspectos de nossa cultura, como a forte presença africana no país. Isso poderia ser feito por meio de uma pesquisa sobre a culinária baiana, o berimbau e a capoeira.
4. O mesmo poderia ser feito em relação às heranças dos povos indígenas para hábitos alimentares presentes em várias regiões do país e para a questão da incorporação dos vocábulos indígenas na toponímia e na língua portuguesa no geral.
5. Outra atividade a ser realizada parte das ilustrações presentes no livro. O professor poderia solicitar aos alunos que escolhessem três ilustrações e, sem que eles recorressem à leitura do verbete, escrevessem textos explicativos ou comentários sobre aspectos da cultura brasileira.

SUGESTÃO DE LEITURA

Infantojuvenil

- BELINKY, Tatiana. *17 é Tov!* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- CARUSO, Carla. *A infância de Tarsila do Amaral*. São Paulo: Projeto Callis, 2004.
- MIRANDA, Ana. *Flor do Cerrado*: Brasília. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

- MUNDURUKU, Daniel. *Coisas de índio*. São Paulo: Callis, 2006.
- _____. *Kabá Darebu*. São Paulo: Brinque-Book, 2002.
- PRADO, Adélia. *Quando eu era pequena*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VARELLA, Dráuzio. *Nas ruas do Brás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Para pesquisar mais sobre o tema

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2006.
- _____. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e paisagem do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
- _____. *Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____.; Fausto Boris. *História geral da civilização brasileira*. 4. ed. – 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007 – 2008. 11 v.
- LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Ed. Senac, 2008.
- PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

Filmes

- *O povo brasileiro*, de Isa Grinspum, 2000, baseado na obra de Darcy Ribeiro, coproduzido pela GNT e TV Cultura. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/povobrasileiro>>. Acesso em: set. 2009.
- *Como era gostoso o meu francês*, de Nelson Pereira dos Santos, 1970, 84 min.
- *Desmundo*, de Alain Fresnot, 2003, 103 min.
- *O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger, 2006, 110 min.
- *Bye Bye Brasil*, de Cacá Diegues, 1979, 105 min.
- *O auto da Compadecida*, de Guel Arraes, 2000, 104 min.
- *Brava gente brasileira*, de Lúcia Murat, 2000, 104 min.